



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPIFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

NOMINAÇÃO E PALAVRA: ENTRE ESCUTA E DIAGNÓSTICO

NOMINATION AND WORD: BETWEEN LISTENING AND DIAGNOSIS

Markus Felipe de Oliveira Salles¹

RESUMO

Este artigo analisa de forma crítica o fenômeno da nomeação diagnóstica e da crescente medicalização da infância e da adolescência no contexto escolar contemporâneo. O objetivo principal é problematizar como a proliferação de laudos e diagnósticos psiquiátricos muitas vezes substitui a escuta atenta do sofrimento juvenil, enquadrando os sujeitos em categorias patológicas e limitantes. A metodologia adotada constitui-se de uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo, fundamentada primariamente na perspectiva teórica de Michel Foucault sobre as relações de saber-poder, estabelecendo também diálogos com a ontologia histórica de Ian Hacking e reflexões do campo psicanalítico. Os principais resultados indicam que os discursos médico-pedagógicos operam de maneira descentralizada e capilarizada, produzindo intensos efeitos de subjetivação, normatização e regulação dos corpos no ambiente educativo, os quais frequentemente atendem a uma racionalidade neoliberal e aos interesses mercadológicos da indústria farmacêutica. As considerações finais apontam para a necessidade premente de resgatar o sentido originário da *scholé* grega (tempo livre) e de criar espaços efetivos de acolhimento na escola. Tais espaços devem garantir o direito à palavra própria, ao equívoco e à singularidade, resistindo à lógica puramente gerencial que silencia a complexidade intrínseca da juventude sob a imposição de métricas de eficiência e intervenções medicamentosas.

Palavras-chave: Nomeação. Medicalização. Escola.

ABSTRACT

This article critically analyzes the phenomenon of diagnostic nomination and the increasing medicalization of childhood and adolescence in the contemporary school context. The main objective is to problematize how the proliferation of psychiatric reports and diagnoses often replaces careful listening to youth suffering, framing subjects in pathological and limiting categories. The methodology adopted consists of a qualitative bibliographic review, primarily based on Michel

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais (PPGCult) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e membro da Haeresis Associação de Psicanálise.

Foucault's theoretical perspective on power-knowledge relations, while also establishing dialogues with Ian Hacking's historical ontology and reflections from the psychoanalytic field. The main results indicate that medical-pedagogical discourses operate in a decentralized and capillary manner, producing intense effects of subjectivation, normalization, and regulation of bodies in the educational environment, which frequently serve a neoliberal rationality and the market interests of the pharmaceutical industry. The final considerations point to the urgent need to rescue the original meaning of the Greek *scholé* (free time) and to create affective spaces of welcoming in schools. Such spaces must guarantee the right to one's own word, to mistakes, and to singularity, resisting the purely managerial logic that silences the intrinsic complexity of youth under the imposition of efficiency metrics and medical interventions.

Keywords: Nomination. Medicalization. School.

1. INTRODUÇÃO

A porta abre, os estudantes começam a entrar. Os professores se dirigem para a sua sala de professores, os estudantes para sua coletividade semi-livre antes dos horários. A grade horária definida, o tempo de começar e terminar, todos já sabendo mais ou menos como vão se infernizar. Mas o cotidiano é sempre surpreendente. Descobrimos sempre formas novas de sofrimento, e também de criação, de invenção, de aulas que em turmas que a expectativa baixa é contrariada por um engajamento inesperado e vice-versa.

Há muito que se falar quando se fala em escola. Essa instituição continua sendo uma das mais resistentes de nossa sociedade. Em que pese muita coisa poder acontecer, amanhã, ou no próximo dia útil escolar, haverá aula. E milhões de pessoas irão à escola e terão aulas. Das mais diversas formas e nos mais diversos contextos, mas ainda assim isso acontecerá. E diante desse imperativo da realidade social, criamos instrumentos, preparamos e avaliamos alunos e professores, criamos métricas e indicadores nacionais, e também fazemos políticas públicas. Ainda assim, persistem na educação grandes problemas.

Não vou me atrever a pensar em todos esses problemas, pois seria de partida um erro grande demais. Educação para se pensar no atacado desse jeito gera soluções fáceis, respostas prontas que eliminam as possibilidades reais de transformação. O que não nos impede de pensar nessa palavra, "educação", essa palavra ampla e ao mesmo tempo definidora de tantas arbitrariedades. E gostaria de partir do ponto de pensá-la como uma profissão impossível.

Pensar a docência e a educação a partir da provocativa afirmação de Freud sobre as três "profissões impossíveis" — governar, educar e curar — nos coloca diante de um ofício realizado diariamente por milhões de pessoas, mas que esbarra constantemente no imponderável. Ser professor é ocupar esse lugar onde se espera que a fala seja clara, um ideal de ensino eficiente frequentemente

associado ao "dizer exatamente o que se deseja dizer". No entanto, como nos lembra a literatura de Lygia Fagundes Telles, quando queremos dizer algo, "tanta coisa vem pelo meio". É justamente nesse espaço do "que vem pelo meio" que o sujeito do inconsciente e as contradições materiais da sociedade se cruzam.

2. FALAR EM NOME PRÓPRIO

E nesse campo das arbitrariedades pode existir espaço para criação, encontros e desencontros entre sujeitos em interação. A palavra pode escapar do controle, assim como os corpos. Importante tomar cuidado aqui: um dos maiores problemas relatados pelos professores hoje é justamente a falta de respeito e a indisciplina dos estudantes. É comum ouvir de professores que passam muito tempo tentando conseguir o mínimo espaço para dar aulas, enquanto encontra resistência, desinteresse e, não raro, violência por parte das turmas².

Isso nos leva rapidamente para a discussão do imenso descaso em relação à educação vivido no Brasil. Mesmo que tenham que ser reconhecidas melhorias importantes, como veremos mais adiante no texto, políticas públicas estruturadas em conjunto com a comunidade escolar são essenciais para que uma educação seja possível: mesmo que cada aula seja, a seu modo, marcada pela impossibilidade de realizar plenamente os planejamentos dos professores.

É para esse contexto que gostaria de chamar a atenção, essa torção na própria função de dar aulas, essa impossibilidade de realizarmos, mesmo nos melhores contextos, todos os nossos intentos que não só não tem sido reconhecida como tem sido descartada pela busca de indicadores e índices³, por parte dos governos, que forcem os professores a se encastelar no preenchimento de planilhas, provas e questionários.

No entanto, no mundo hiperconectado e que exige hiper eficiente, certos corpos passam a ser considerados problemáticos: seus comportamentos desviantes passam a ser associados a certos tipos de palavras, de nomes, mais conhecidos como laudos e diagnósticos. São comportamentos que

² BRASIL tem indisciplina escolar acima da média; professores gastam mais de 20% da aula para controlar alunos. G1, Rio de Janeiro, 7 out. 2025. Disponível em: [https://g1.globo.com/educacao/noticia/2025/10/07/"rasil-tem-indisciplina-escolar-acima-da-media-professores-gast"m-mais-de-20percent-da-aula-para-con"rolar-alunos.ghtml](https://g1.globo.com/educacao/noticia/2025/10/07/). Acesso em: 6 jul. 2026.

³ São vários os estudos que apontam para o esgotamento de índices como o Ideb, que apesar de sua importância histórica para a criação de políticas públicas educacionais, "mas reduziu progressivamente o conceito de qualidade educacional a um conjunto estreito de métricas". Disponível em: <https://portaliede.org.br/contribuicao/ideb-da-sinais-de-esgotamento-apos-20-anos-pautando-a-qualidade-da-educacao-afirmam-autores/>. Acesso em: 30 jun. 2026.

desafiam o ideal de uma educação totalizante, sem espaço para o erro e para o impossível próprios da educação.

Na verdade, o erro não se trata do desencontro pedagógico que aqui estou me referindo como *impossível*, trata-se, na verdade, de um erro em tentar estabelecer para a escola lógicas de controle e domesticação dos corpos externos aos conteúdos pedagógicos, entranhadas na própria lógica do tecido social.

Sob a égide de uma educação inclusiva e que reconhece as diferenças, passam a se problematizar e estigmatizar justamente essas mesmas diferenças. Os remédios e as adaptações serão para garantir o aprendizado e a inclusão desses sujeitos. Na prática, retiram-se dessas crianças e adolescentes o direito à palavra própria, mantendo-os, ainda que por meio de uma recusa, no território dos *infans*, sem fala, ou sem palavra. O diagnóstico fala por eles, ditos pelos seus próprios sintomas a partir da interpretação de um outro, que reinventa seu corpo.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Pedagogia e complexidade: A reinvenção dos corpos

Já é sabido que o território da infância é uma invenção moderna, e não um dado da natureza. Não que a natureza não opere sobre essa fase da vida mudanças importantes: existe uma formação biológica. Como existe em toda a fase da vida humana, mas também com suas incomparáveis particularidades nesse momento da vida.

Ainda assim, a sociedade contemporânea herda e também expande a compreensão da infância como essa fase da vida marcada por certos direitos, garantias e proteções, além de ser também destacada como um momento excepcional (em vários sentidos). A ideia desse momento destacado do restante da vida veio com diferentes construções projetivas sobre as crianças por parte dos adultos. Aqui, estou chamando a atenção para o fato de que muitas das falas e ideias atribuídas às crianças são, na verdade, faladas pelos adultos.

Esses sentidos podem, inclusive, ser aparentemente contraditórios. Outro dia assistia a um reel que trazia a fala de um psicólogo dizendo que a adolescência era uma "limitação neurológica", o que explicaria por exemplo as reações impulsivas "típicas" dessa idade; aparentemente opõe-se a esse os discursos de proteção da infância e das crianças como se estas fossem "puras" (estes inclusive muitas vezes sendo usados para justificar a censura de certos temas/assuntos nas escolas, como a educação sexual).

Em ambos os casos desconsidera-se a criança e/ou o adolescente, que são privados de voz e corpos próprios nesses discursos adultos: existe a realidade biológica e neurológica ou a pureza espiritual ameaçada de corrupção.

E multiplicam-se os discursos médicos sobre as crianças e os adolescentes. Esses discursos têm encontrado amparo amplo em diferentes correntes pedagógicas, não raro bem intencionadas, que geram efeitos sobre essas mesmas crianças e adolescentes que dizem buscar proteger; efeitos esses que precisam ser considerados.

Tais efeitos podem ser melhor compreendidos sob a luz da teoria de Michel Foucault, especialmente no que diz respeito à construção das relações entre saber e poder. O saber médico-pedagógico atualmente constituído nos oferece uma porta de entrada para a análise das formas de reinvenção dos corpos na nova pedagogia da complexidade.

3.2 Os desdobramentos do poder e o diagnóstico

Quando Foucault discute a questão do poder em seu livro *A Vontade Saber*, ele nos coloca uma interessante provocação: a de que o poder não tem Dono. Não que não existam os "donos do poder", pessoas, indivíduos, detentores de poderes que outros sequer sonham existir e que possuem ampla influência. O que Foucault quer dizer com poder aponta em outra direção: "enfim, não o entendo como um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro" (1988, p. 61).

Acredito que pensarmos a forma como abordamos as crianças e adolescentes a partir da escola e dos discursos médico-pedagógicos atuais pode nos revelar muito de como o poder pode ser exercido não a partir de um centro, mas "cujos efeitos, por derivações sucessivas" atravessam todo o corpo social. Isso não deve nos fazer perder de vista o lucro que grupos muito bem identificáveis ganham com esses efeitos, e nem também como quem está "no chão de fábrica" pode incorporar os dispositivos que operam o poder dos grandes.

Mas pensar a escola como ponto de partida dessa análise a partir da lente de como os diagnósticos atuais operam nos permite identificar os sujeitos e práticas envolvidos, bem como seus interesses e agências, além de apontar para possibilidades de restabelecer experiências sobre a infância e a adolescência que parecem ser ignorados. E um bom ponto para começarmos essa abordagem está nas palavras que vamos escolher para nossa discussão. Aqui, ainda continuamos com Foucault: "Sem dúvida, devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada". (1988, p. 69).

Aqui, entendo que seja importante nos determos sobre os vários nomes: Criança com TDH. Criança hiperativa. Criança autista. Criança com transtorno opositor. Criança superdotada. Criança depressiva. Criança medicada. Criança conectada. Criança ansiosa.

Esses nomes, cada vez mais presentes na realidade escolar, têm sido utilizados como forma de explicar e dar forma para a realidade complexa da sala de aula. Ocupando os lugares que outros nomes para as crianças já ocuparam, essas palavras vão permeando as falas dos adultos e das próprias crianças e adolescentes sobre si mesmas, criando a moldura a partir do qual essas pessoas passam a encarar o mundo.

Não seria exagero dizer que os nomes que damos para o mundo que nos cerca está intimamente ligado com como vemos e construímos esse mundo, bem como construímos e vemos uns aos outros. Por isso, nos debruçamos agora sobre essas nomeações e seus efeitos.

3.3 Nominalismo dinâmico e ontologia histórica

Tantos nomes que sustentam discursos e intervenções sobre a criança. Mas ser nominalista vai bem além de alimentar uma sequência de nomes e associar a eles possíveis discursos; aqui, acredito que é possível ser um *nominalista histórico*, tal como proposto por Ian Hacking, historiador canadense que propõe em seu livro *Ontologia Histórica* uma possível ontologia para a história. Antes, contudo, de entrarmos no complexo campo dessa ontologia, guardemos ainda o seguinte: nos interessa muito a condição de produção dessas falas e também como elas atravessam a realidade escolar, às vezes mais e às vezes menos despercebidas.

Mas também interessa pensar um outro ponto: o quanto estamos também cada vez mais distantes de aceitar a criança real e suas infinitas capacidades de surpresa. Não que tenhamos que nos agradar e aceitar tudo que venham a fazer, mas que tipo de mundo estamos escolhendo compartilhar com elas? O que do mundo delas queremos de fato ouvir? Consideramos que tenham algo a dizer? Partir da ideia da escuta na escola, essa escuta da palavra do outro dirigida a mim e a outros, pressupõe que esse outro tem algo a me dizer.

Lembro-me aqui nesse ponto de uma fala que ouvi na sala dos professores uma vez: "não passo debate nem apresentação de trabalho porque não tem nada que possam me ensinar". Existe aqui, nessa posição, uma recusa da palavra do outro- o que não quer dizer que esse colega seja um mal professor ou que deva ser demonizado por isso. O que chamo atenção aqui é que a posição crítica construída neste trabalho aponta justamente para um lugar que possa reconhecer no outro o direito de enunciar seu próprio dizer.

Pensem, antes, nos nomes, e comecemos pela ontologia. Conforme proposto por Hacking, citado anteriormente, sobre a ontologia: "Suponha que se queira falar de um modo bem geral sobre todos os tipos de objetos, e sobre o que torna possível que eles venham a existir. É conveniente agrupá-los e falarmos sobre 'o que existe', ou ontologia" (2009, p.14). Pode parecer que para um historiador essa pretensão de estudar "como as coisas passam a existir" não seria muito adequada. No mínimo, não parece muito útil.

Nesse ponto, concordo com Hacking que a preocupação da história com o particular tem muito a nos oferecer. Ao nos debruçarmos sobre determinadas formações históricas, ou se preferimos dizer aqui nesse contexto, de certos nomes que aparecem historicamente, temos não só o discernimento de certos "acontecimentos" ou de certas coisas que existiram em dado momento. Passamos a nos questionar também das estruturas que tornam possíveis a existência desses nomes, bem como os processos que passam a operar a partir deles. A partir daí podemos pensar se concordamos ou não com eles, assim como em possibilidades e alternativas.

Antes de avançarmos acho pertinente também retomar outra definição de Hacking, (2009, p.30) dessa vez sobre o universal:

O universal não é intemporal, mas histórico, e eles e seus casos particulares, as crianças ou as vítimas de trauma, são formados e alterados na medida em que o universal emerge. Tenho chamado esse processo de nominalismo dinâmico, porque ele conecta fortemente o que passa a existir com a dinâmica histórica de nomear e o uso posterior do nome.⁴

Nessa seção, Hacking (2009) analisa como um conceito como o de trauma, aparentemente tão universal e autoexplicativo, quase natural, na verdade só pode ser compreendido se buscarmos as raízes da construção dessa noção. A ideia de trauma como uma ferida psíquica, a ser entendida e tratada como tal, não é universal- apesar das experiências de sofrimento devastador não serem propriedade de uma época em particular.

Assim como a noção de trauma que temos atualmente também não é dissociável do discurso médico que passou a operar com e a partir do trauma. "Trauma costumava significar uma lesão ou ferida física. Quando passou a significar ferida psíquica?" (Hacking, 2009 p. 30).

Minha ideia aqui não é levar adiante uma localização histórica do trauma, mas chamar a atenção para a construção de conceitos aparentemente universais; no caso do cotidiano escolar, a denominação de certas atitudes como determinações biológicas leva à suposição de que essas categorias não teriam um pano de fundo social, tanto em sua concepção quanto em sua aplicação.

O diagnóstico de uma criança com TDAH, por exemplo, passa a operar como um descritivo de uma realidade biológica imperiosa, com a qual nada há que se negociar pois estaríamos diante de

⁴ H"CKING, I"n. Ontologia Histórica. São Leopoldo: Editora Unisino", 2009, ". 39.

um dado da natureza. O que não quer dizer que quero negar que não existam fatores biológicos que sem sombra de dúvida afetam o desenvolvimento infantil e estão ligados a condições que exigem atenção e preparação educacional própria.

Mas chamo aqui a atenção para um processo, fruto de vários projetos, que envolvem envelopar a infância e a adolescência em diagnósticos que retiram desses sujeitos a possibilidade de falar em nome próprio.

Diante de um modelo gerencial que hoje tenta domesticar a educação com técnicas, dados e testes padronizados — prometendo uma eficiência ilusória —, a hipertrofia dessas medidas serve apenas como política de controle do trabalho docente, vinculando conteúdos e engessando a prática.

Claramente vê-se isso nos discursos hoje sobre as crianças, muitas vezes representadas a partir de um -suposto- saber do adulto. Essas representações cada vez mais procuram ideias como o desvio ou a neurodivergência. Muitas vezes o diagnóstico chega antes da criança, moldando o olhar dos professores e da comunidade escolar sobre aquela pessoa, e também dela sobre ela mesma.

E nisto não podemos esquecer a participação do círculo familiar nessa dinâmica: que energia investem tantos pais em tentar entender as crianças pelo viés dos diagnósticos que receberam sem perceber sofrimentos de outra ordem, como o bullying, identidade de gênero, etc.

Vamos tentar uma aproximação com a teoria de Edward Said e seu conceito de orientalismo: existe no seu desvelamento da estrutura de produção de figuras do oriental que se aproximam muito das posturas atuais no campo pedagógico atual. Um exemplo seria a atitude suposta preocupação com os comportamentos desviantes desse que vai ser representado (o oriental ou a criança). Vejamos um trecho do texto de Said quando analisa o discurso de um inglês (Balfur) no Parlamento e o que ele pensava sobre o Egito:

A Inglaterra conhece o Egito; o Egito é o que a Inglaterra conhece; a Inglaterra sabe que o Egito não pode ter autogoverno; a Inglaterra confirma esse conhecimento ocupando o Egito; para os egípcios, o Egito é o que a Inglaterra ocupou e agora governa; a ocupação estrangeira torna-se, portanto, "a própria base" da civilização egípcia contemporânea; o Egito requer, até insistentemente, a ocupação britânica.⁵

Hoje os discursos médico-pedagógicos assumem a posição de quem "sabe" o que é e como deveria ser uma criança. A criança não teria um saber sobre si suficiente, ou que pudesse contradizer aqueles saberes adultos. E esses discursos confirmam essa posição definindo o que é a norma e o que é a quebra dessa norma, muito próxima daquilo considerado como uma "normalidade". Seria um fato irrefutável que uma criança que se recuse a obedecer ou a ouvir sentada horas de exposição não possuía

⁵ SAID, Edward. O alcance do orientalismo. In: "AID, Edw"rd. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente" 1. ed., "8. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 5".

um conhecimento suficiente sobre si para enunciar palavra em nome próprio. Quem sabe falará dela e por ela, e dirá a ela como corrigir seu teimoso comportamento desviante. Os médicos confirmam isso medicando; a escola, distribuindo os laudos aos professores e pedindo que preencham intermináveis fichas de avaliação sobre as crianças. Para essas crianças, os adultos tem isso: elas são o que esse diagnóstico ocupou nelas: sua personalidade para sempre eivada por um corte não natural, estrangeiro, externo.

Mas é tarde demais, agora, a criança é o que o discurso médico dela tem a dizer; essa "ocupação" estrangeira agora é o que tem-se a dizer sobre a criança. Ela requer, com seus desvios, "até insistentemente", ser ocupada.

Muitos dos sofrimentos juvenis hoje decorrem justamente da retirada da criança e dos adolescentes de espaços de interação e compartilhamento. O livro "A geração ansiosa" trouxe a importante reflexão de que o sofrimento dos mais jovens hoje se relaciona diretamente a perda do brincar livre, cerceado por uma maior supervisão (muitas vezes cuidadosa e bem intencionada) de protegê-los do "mundo lá fora".

Entretanto, essa maior reserva com o mundo exterior não foi acompanhada de semelhante preocupação na esfera doméstica: os pais se preocupam muito menos com o que os filhos acessam na internet do que com o que fazem fora de casa. E assim o acesso a rede social foi ampla e quase que irrestritamente aberto a pessoas que sequer tiveram oportunidade de viver outras experiências com seres humanos.

Buscando ocupar o lugar do discurso dos sujeitos, os diagnósticos apontam para uma normalização e adaptação daqueles sujeitos considerados "desviantes" pelo sistema. De acordo com Burman, no texto "Criança como método como um recurso para interrogar crises, antagonismos e agências", a posição da criança na contemporaneidade explicita o "mau negócio" oferecido aos sujeitos pelo contrato neoliberal: impõe-se a eles uma retórica de proteção sem a contrapartida de direitos reais, e uma vulnerabilidade estrutural desprovida de suporte ou cuidado efetivo.

Ela demonstra como a concepção histórica da infância coincide culturalmente com a formulação do eu individual dotado de interioridade na modernidade ocidental, funcionando como uma cifra para o sujeito imperial europeu. Esse sujeito passava a ser detentor de um conhecimento sobre o mundo supostamente produzido de forma neutra, objetiva, científica, como se dirá depois. Entretanto, os frutos de tal conhecimento não serão compartilhados da mesma forma, e justificarão diferentes sentimentos de superioridade e etnocentrismo.

É preciso entender as condições históricas de formação do pensamento ocidental, dito racional e metodológico, pois nas raízes desse mesmo pensamento encontram-se também expressas

as diferentes dicotomias materiais, conflitos, guerras e massacres que foram também parte da expressão do poder desse mesmo conhecimento e das nações que o detinham.

Historicamente, essa infância idealizada foi amarrada ao narcisismo primário dos adultos, o qual Freud sintetizou sob a expressão eduardiana "His majesty the baby" ("sua majestade, o bebê"). Nesse arranjo do liberalismo clássico, a criança serve como depósito das fantasias de imortalidade e idealização dos pais, um objeto de proteção e fruição apartado das misérias do mundo material.

Sob o neoliberalismo, contudo, essa racionalidade sofre uma mutação perversa. Longe de ser considerada indefesa ou dependente do amparo do Estado social, a criança passa a ser interpelada como um sujeito "inteligente", "ágil", ativo, flexível e adaptável por excelência. E os sujeitos que não se encaixam nesses modelos de sujeitos serão considerados desviantes e disfuncionais.

Diagnósticos infantis raramente problematizam o contexto dessas crianças, ou o que mais poderia expressar o sofrimento manifestado por elas. As questões conjunturais são reduzidas a acessórios que não cabem ao médico julgar. É essa armadilha conceitual que a formulação da "Criança como método" nos instrumentaliza a desarmar.

Olhemos para os manuais de diagnóstico, capitaneados pelo DSM, que operam uma representação reducionista da subjetividade infantil: o sofrimento psíquico, a agitação e a recusa da criança em submeter-se ao tempo homogêneo do capital são encenados puramente como desequilíbrios neuroquímicos e falhas de autorregulação. Ao mesmo tempo, engordam as folhas de faturamento de empresas farmacêuticas, clínicas especializadas e consultórios médicos.

Essa engrenagem encontra seu sustentáculo material na aliança espúria com a indústria médica. A escola, obcecada por índices de produtividade e eficiência, não pode tolerar o tempo do imponderável ou o ruído do descompasso pedagógico. A *Big Pharma* surge, então, como a fornecedora dos corretores químicos da atenção: a prescrição em massa de metilfenidato⁶ e outros psicotrópicos funciona como uma barreira biopolítica que visa forçar a docilidade dos corpos e a linearidade cognitiva necessárias para a reprodução do capital.

Trazendo para a discussão Leandro de Lajonquiere, em *Figuras do infantil*, a "figura do infantil" que irrompe através da oposição desafiante é o próprio sujeito do inconsciente que insiste em fracassar diante do mestre gerencial. O sintoma da criança é a denúncia encarnada de um "mau negócio" pedagógico e social: exige-se dela uma adaptação absoluta a uma realidade hipercompetitiva e desamparada, enquanto se lhe recusa o direito ao equívoco, ao erro e à palavra própria.

A medicalização transforma o conflito social e a angústia subjetiva em um nicho de mercado altamente lucrativo, vendendo a ilusão de uma infância perfeitamente ajustada e quimicamente

⁶ Inclui-se um dos medicamentos com esse princípio chama-se "Conserta". Ou seja, o sujeito desviante é representado como um defeito da máquina (produtiva), e o sofrimento como mero desajuste a ser corrigido.

silenciada. Ela seria a única responsável? Acredito ser mais complexo que isso, justamente por ser uma onipresença sem centro, como apontado por Michel Foucault: "onipresença do poder: não porque tenha o privilégio de agrupar tudo sob sua invencível unidade, mas porque se produz a cada instante, em todos os pontos, ou melhor, em toda relação entre um ponto e outro". (1988, p.61).

Diante do colapso da ordem gerencialista operado pelo sintoma, a educação reafirma-se como uma "profissão impossível" e a criança ou o jovem desviante retorna como esse abjeto a pôr areia nos olhos do sistema.

3.4 *Scholé*

Apesar do cenário difícil diante de nós, acredito em possibilidades de agências para os sujeitos nominados por esses diagnósticos e também na possibilidade de reinvenção das pessoas envolvidas em uma educação. Também não ignoro o adoecimento jovem generalizado que tem sido constatado em sala de aula mas também em pesquisas recentes sobre a saúde mental nas escolas. Segundo levantamento do IBGE:

Três em cada dez estudantes de 13 a 17 anos afirmaram que se sentem tristes sempre ou na maioria das vezes, de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), divulgada nesta quarta-feira (25) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Uma proporção semelhante também revelou que já teve vontade de se machucar de propósito⁷.

O sofrimento e o adoecimento não são apenas nomes ou invenções imaginárias. É um problema real que bate às portas das escolas. O que chamo atenção aqui são os efeitos e interesses por trás da cada vez mais frequente pretensão diagnóstica. Mas como estamos tratando das questões das nomeações, não poderia deixar de retomar também o significado contido da raiz etimológica da palavra escola: a *scholé* grega, uma palavra que guarda um significado interessante: lazer, ou tempo livre.

Claro que a etimologia grega da palavra aponta também para um outro contexto da escola na época dos gregos. O tempo ocioso era um direito de poucos e privilegiados cidadãos, a quem o ócio permitia a dedicação aos assuntos da pólis e também ao cuidado de si, que se refletia em um cuidado com o corpo. Para um grego, era natural que isso só fosse possível com a garantia do trabalho dos escravizados.

⁷ IBGE alerta para quadro preocupante na saúde mental de adolescentes. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2026-03/ibge-alerta-para-quadro-preocupante-na-saude-mental-de-adolescentes>. Acesso em: 30 jun. 2026.

Essa escola elitista não deve mesmo ser modelo para nossa sociedade, que precisa continuar na busca da universalização de uma educação de qualidade. Porém, ao se pensar em uma educação de qualidade também deve-se pensar em uma educação que permita diversos contextos de aprendizagem e também experiências com o mundo, com o corpo em movimento, brincando e praticando esportes.

Isso quer dizer que os corpos podem existir dentro de contextos além daqueles propostos por uma lógica universalista e regida sob uma lógica de eficiência que não é exclusivamente da escola, mas da sociedade que a cerca e sobre ela projeta suas expectativas e valores, inclusive aqueles esperados no mercado de trabalho. Importante também entender a escola como um campo em disputa, em que as próprias lógicas lutam para se impor, sendo este o espaço para a produção de aprendizagens outras e diversas.

Pode parecer uma utopia muito grande, mas se resume a caminhos já apontados por pesquisas: mais tempo livre, para o brincar e interagir sem supervisão de adultos mas em ambientes controlados, restrição ao uso de telas, atividades que estimulem os estudantes a resolver problemas e a pensar de forma crítica. Todos os dias, milhões de professores entram em sala buscando esses caminhos para sua prática, e nessa busca podemos encontrar possibilidades e reinvenções.

Ao entendermos o poder dos nomes sobre nossa realidade podemos pensar de forma crítica essa mesma realidade; ao questionarmos essas estruturas podemos recuperar sentidos nas palavras e, também, práticas e abordagens diante do mundo. Encaramos de frente os desafios colocados por esses discursos faz parte da prática docente no mundo atual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma de minhas principais preocupações aqui foi chamar a atenção para como o processo de nomeação está relacionado com a construção de certos sujeitos. Se Hacking está atento com sua análise do conceito de trauma para "como o conceito de trauma figura na constituição de eus", sua preocupação também pode ser estendida para a questão da nomeação diagnóstica na educação contemporânea.

Também é essencial compreender que os discursos médicos não são neutros nem tratam de estruturas biológicas isoladas de interesses sociais e econômicos os mais diversos. A criança é bem mais que uma tábula rasa ou uma falha técnica a ser "consertada"; tampouco é um poço de bondade e pureza infantil. Ao chamar atenção para os riscos de tais visões, também encontramos a complexidade da criança, que não está ali para ser achada como "realmente é". O resultado de tais ambições só podem resultar na retroalimentação das fantasias dos adultos e suas projeções sobre as crianças.

Basta a ver o quanto as consequências de ambas as visões podem ser inócuas ou resultar no inverso do que defendem na prática: no caso da criança vista como falha, que passa a ser tratada e medicada para que possa ser encaixada no sistema que a produziu, isso exime da escola a responsabilidade de rever os parâmetros sob os quais está construída. O problema passa a ser localizado no indivíduo, o que contribui para ocultar as contradições próprias do sistema tal qual ele está colocado.

No caso das visões voluntaristas e sentimentalistas (que não só podem como muitas vezes se articulam com os discursos da criança como falha, que pede e precisa ser resgatada), elas andam em profundo descompasso com a realidade. Garantimos leis e dizemos defender a proteção das crianças, mas estas ainda continuam expostas aos piores crimes e violências, desde a própria casa, até a privação de poderem falar como sujeitos constituídos de um discurso próprio.

Ao evidenciar a articulação econômica desses discursos também fica claro que outras compreensões sobre a infância e a escola sejam convocadas, de modo a fazer frente aos discursos homogeneizantes que buscam normatizar e enquadrar os sujeitos na escola. O quadro alarmante de adoecimento juvenil nos chama a atenção para a urgência com que esse problema precisa ser encarado, bem como as falhas acachapantes das atuais escolhas pedagógicas e políticas para a educação.

Retomar outros significados da palavra escola pode nos ajudar a pensar outras formas de estarmos uns com os outros nas escolas. Abrir esses significados tem um sentido de procurar abrir também novos espaços para que a escuta no ambiente escolar possa ir além do diagnóstico, mas trabalhar em uma lógica que rompa as produções de eficiência e resultado que não apenas os estudantes estão submetidos, mas também os professores e toda a comunidade escolar.

E isso envolve pensar o tipo de escola que queremos, não apenas constatar nossa realidade atual. São justamente nessas contradições produzidas em seu interior que estão as ferramentas para produzir novos vieses sobre o que entendemos por educar e por escola. E por novos não quero dizer necessariamente inéditos. Relembrar, por exemplo, a etimologia e as raízes da escola no mundo ocidental, na Grécia Antiga, faz parte de um processo que entende na reflexão histórica possibilidades para reinventar jeitos de ser no mundo.

Não se trata de fazer mera cópia, mas principalmente de pensar a historicidade de nossas próprias instituições, o modo como se transformam e podem ser transformadas ao longo da história. Por mais fortes que possam parecer, elas, assim como os seres humanos que as criaram, não estão imunes à passagem do tempo. Se podemos entender como se constituíram e se constituem hoje, podemos pensar novos horizontes para nossas práticas.

REFERÊNCIAS

BURMAN, Erica. **Criança como Método como um recurso para interrogar crises, antagonismos e agências**. Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro, v. 22, n. spe, p. 1296-1312, 2022.

BRASIL tem indisciplina escolar acima da média; professores gastam mais de 20% da aula para controlar alunos. G1, Rio de Janeiro, 7 out. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2025/10/07/brasil-tem-indisciplina-escolar-acima-da-media-professores-gastam-mais-de-20percent-da-aula-para-controlar-alunos.ghtml> . Acesso em: 6 jul. 2026.

IBGE alerta para quadro preocupante na saúde mental de adolescentes. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2026-03/ibge-alerta-para-quadro-preocupante-na-saude-mental-de-adolescentes> . Acesso em: 30 jun. 2026.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HACKING, Ian. **Ontologia Histórica**. Editora Unisinos 2009.

HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa: como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais**. Tradução de Lígia Azevedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

SAID, Edward. **O alcance do orientalismo**. In: SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. 1 ed. 8 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 61-114.

PALHARES, Isabela. **Ideb dá sinais de esgotamento após 20 anos pautando a qualidade da educação, afirmam autores**. Disponível em: <https://portaliede.org.br/contribuicao/ideb-da-sinais-de-esgotamento-apos-20-anos-pautando-a-qualidade-da-educacao-afirmam-autores/> . Acesso em: 30 jun. 2026.